

A ADOLESCÊNCIA E A RESPONSABILIDADE SOCIAL

2017

Lucas Nobre Gadêlha

Graduando em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO (Brasil)

Fabiane Mônica da Silva Gonçalves

Graduação e Licenciatura em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas de Olinda – FACHO, especialista em Psicologia Clínica pela FACHO e Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPEO (Brasil)

E-mail:

nobrelg@gmail.com

RESUMO

O presente artigo faz uma análise sobre a adolescência e sua construção, tanto de um ponto de vista biológico, como de um ponto de vista cívico, questionando qual a responsabilidade social que o adolescente adquire quando o mesmo se encontra nessa fase da vida. Contextualiza a adolescência na atualidade e aborda questões relacionadas à sua formação de identidade, descobertas acerca da sexualidade e sobre seu relacionamento com o meio social em que vive. Na adolescência o indivíduo é tomado por inúmeras mudanças físicas e cognitivas, o corpo e mente se localizam em bastante evolução, onde essas mudanças irão auxiliar a encontrar seu papel na sociedade, e assim, ter conhecimento de sua responsabilidade social no ambiente em que participa. Fomos levados a concluir que inúmeros fatores podem influenciar de forma negativa ou positiva acerca dessa construção no adolescente de seus valores, e que a atuação do adolescente de acordo com sua responsabilidade social nunca foi tão necessária.

Palavras-chave: Adolescência, responsabilidade social, formação.

Copyright © 2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

Discutir sobre o tema da adolescência de uma forma geral na atualidade é uma tarefa desafiadora e, por ser um tema que abrange várias dimensões, faz-se necessário a imposição de limites em tal proposição: a responsabilidade social e a ação dos adolescentes frente a isso.

Entende-se que adolescência é uma fase que é marcada a partir da puberdade, transição da infância até a idade adulta, representando um desligamento de comportamentos e pensamentos oriundos da infância e a aquisição de responsabilidade e conhecimentos que o prepare para a fase adulta. Segundo Becker (1994, p. 11), “no adolescente, corpo, ideias, emoções e comportamentos sofrem as consequências do processo de formação”, logo, pode-se observar nesse processo de formação, um desenvolvimento psicossocial, ou seja, um desenvolvimento de aspectos psicológicos e sociais que irão forjar o caráter do adolescente, e também um desenvolvimento cognitivo que vai servir de auxílio para decisões e reflexões acerca de conceitos políticos, morais, éticos, entre outros.

Para Papalia e Olds (2000, p. 310), “a adolescência dura quase uma década, aproximadamente dos 12 ou 13 anos até o início dos 20 anos. Não há definição clara para seu ponto de início ou fim”. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (2014), é adolescente quem possui faixa etária dos 12 aos 18 anos de idade. Essa nova fase, que é apresentada logo após a infância, se inicia com as mudanças corporais - no período da puberdade - e termina quando o indivíduo consolida seu crescimento e sua personalidade, havendo formação de princípios e valores para a inserção do seu grupo social.

Entende-se por responsabilidade social quando empresas adotam posturas que contribuam para sociedade mais justa e um ambiente com igualdade social. O Instituto Ethos (2016) compartilha deste ponto de vista ao afirmar que a responsabilidade social é uma forma de conduzir os negócios da empresa de tal maneira que a torna parceira e corresponsável pelo desenvolvimento social. Com base nesse pressuposto, propondo não uma visão empresarial, mas sim uma visão cívica, a responsabilidade social do adolescente se compreende por toda forma de posição civil de auxiliar no processo de igualdade na sociedade e qualquer postura que desenvolva ações de forma positiva sobre a mesma.

Os adolescentes são vistos como público-alvo pelo comércio, já que ocupam boa parte da população e são bastante influenciados pela mídia em questões relacionadas a moda, eletrônicos, música, e todos os assuntos que são populares entre eles. Por outro modo, também é um público que influencia acerca da sociedade. A problemática da responsabilidade social se faz presente neste momento. Ora, se o jovem faz parte de um grupo social tão influenciador, por que não utiliza desta

oportunidade para atuar, para instigar sobre outros jovens e adolescentes o desejo de contribuir de forma construtiva para a sociedade?

Atualmente, o adolescente é visto como um ser problemático. Como um ser que anda lado a lado com o desinteresse na construção de um ambiente social melhor. A crise de identidade na fase da adolescência é encontrada de forma mais elevada, comparada a outras fases, já que o adolescente passa por uma transição de sua condição para vida adulta, o que pode ocorrer explosões de emoções na qual, ainda em sua condição, não sabe lidar muito bem. Então, questões acerca da sua missão no mundo vem à tona quando o indivíduo se encontra na fase da crise de identidade, tais como: Quem sou eu? O que serei no futuro? Qual o meu papel social? Logo após de ter essas respostas, o adolescente se encaixa em determinado grupo social que pode influenciar nas suas decisões.

Existe uma problemática quando falamos da questão do adolescente encontrar um papel social, já que a preocupação com a opinião com o ponto de vista de outros indivíduos desse mesmo social, faz com os adolescentes se sintam indiferentes com a sociedade e modifiquem, quase todo o tempo, suas atitudes, reformando suas opiniões sobre seu papel social de forma persistente em um período muito curto de tempo. A solução dessa problemática aparece quando o adolescente resolve todas essas crises, e assim, finalmente, alcança sua estabilidade na questão da identidade e de sua responsabilidade com o ambiente social.

Casos de intolerância e preconceito aparecem na sociedade diariamente, sendo assim, o adolescente precisa se posicionar diante dessas situações de intolerância e preconceito de forma crítica, desfragmentando ideias que atuam de forma negativa para o desenvolvimento social. Desta forma, não podem ser ignorados todo tipo de diálogo e outros fatores que auxiliem numa nova construção de ideias para um mundo moderno e sem qualquer intolerância ou preconceito social. Resultando num desenvolvimento psicossocial e cognitivo de forma positiva sobre os indivíduos na nossa sociedade.

ADOLESCÊNCIA

Levinsky (1995) conceitua a adolescência como sendo uma fase do desenvolvimento evolutivo, em que a criança gradualmente passa para a vida adulta de acordo com as condições ambientais e de história pessoal. O autor ainda entende a adolescência como de natureza psicossocial, no entanto, ao debater o surgimento da fase, vincula-a à puberdade e ao desenvolvimento cognitivo. A adolescência é caracterizada pelo modo com que a sociedade a representa, ou seja, nas sociedades modernas ela é mais lenta e dolorosa e já nas primitivas, ela era agilizada e atenuada pelos ritos de passagem e pela maior facilidade em participar do mundo adulto.

Para Domingues e Alvarenga (1991), a adolescência é uma fase para o ingresso na vida adulta e que, pelo fato de não haver precisão sobre seu início e seu término, demarcados através de rituais socialmente reconhecidos, a adolescência é vivida sob forma de imensa contradição e ambiguidade. No mais, é um fenômeno das sociedades modernas surgidas no final do século XIX e início do século XX com o incremento da urbanização e industrialização, emergindo entre a infância e a vida adulta como um período intermediário. Segundo as autoras, vivenciar experiências com seus grupos de pares seria a maior aspiração, pois deste modo deixam de ser crianças, estabelecendo novas relações com seus pais e familiares.

Clímaco (1991) traz em seus estudos vários fatores sociais-econômicos e culturais que nos possibilitam compreender como surgiu a adolescência. A sociedade moderna, com suas revoluções industriais, gerou grandes modificações nas formas de vida. Com as revoluções industriais, o trabalho se sofisticou, do ponto de vista tecnológico e passou a exigir um tempo prolongado de formação, adquirida na escola, reunindo em um mesmo espaço os jovens e afastando-os do trabalho por algum tempo. Além disso, o desemprego crônico/estrutural da sociedade capitalista trouxe a exigência de retardar o ingresso dos jovens no mercado e aumentar os requisitos para este ingresso, o que era respondido pelo aumento do tempo na escola.

Adolescência para Santos (1996) está identificada com escola, com aumento de tempo na escola, com a mudança da instituição escolar e a extensão progressiva do período de aprendizagem; tudo isto deu consistência e visibilidade à condição infanto-juvenil. Alguns grupos sociais que ficam excluídos da escola e ingressam cedo no mundo do trabalho se "adultizam" e não têm acesso à adolescência, enquanto uma condição social. São muito importantes as contribuições de Clímaco (1991) e Santos (1996), no sentido de produzir uma clareza sobre a concepção de que a adolescência é criada, na sociedade moderna, por exigências dessa sociedade. Constitui-se na relação com os adultos, representantes dessa sociedade. As características se constituem na medida em que os jovens, colocados nessa nova condição, desenvolvem suas formas de inserção nessa relação.

As fases da adolescência recebem diferentes significados quando estudadas por diferentes perspectivas, tais como: social, política, psicológica, pedagógica, biológica, entre outras. Por ser um capítulo de nossas vidas que possui inúmeras mudanças, podemos dividi-la em três fases: Adolescência Inicial, que se compreende dos 11 aos 14 anos; Adolescência Média, dos 15 aos 17 anos; e Adolescência Final dos 18 aos 21.

A adolescência inicial corresponde, grosso modo, aos finais do ensino fundamental e inclui principalmente as mudanças puberais. O fim da adolescência refere-se aproximadamente à segunda metade da segunda década de vida. Interesses pela carreira, namoros e exploração da identidade estão frequentemente mais pronunciados no fim da adolescência do que na adolescência inicial (SANTROCK, 2014, p. 47).

Compreende-se então, que dentro de cada fase da adolescência acontecem descobertas acerca do seu papel na sociedade de forma evolutiva, ou seja, a cada fase, desde a inicial até a final, o adolescente adquire um pensamento mais crítico que irá auxiliá-lo a se impor em determinadas situações e ter conhecimento de sua responsabilidade social enquanto indivíduo. Identificando a si próprio como um ser que possui direitos e deveres em seu meio civil no mundo, tendo consciência de que possui uma identidade. Brêtas et al. (2008, p. 405) compreende que “é relevante, neste período de amadurecimento, a busca por uma identidade adulta, que se apresenta estruturada nas primeiras relações afetivas que estes tiveram no âmbito familiar, adequando-as, entretanto, a realidade atual, durante a sua interação com o meio vigente”.

IDENTIDADE: REALIZAÇÃO E APROPRIAÇÃO

Em algumas sociedades existem os chamados: rituais de maturidade, que são representações de separação da família, maioridade espiritual, desligamento da infância e assuntos relacionados à ritos de passagem que podem representar bênçãos religiosas. Como por exemplo, na tradição judaica, ocorrem dois rituais: “o Bat Mitzvah, comemoração da maturidade religiosa da menina aos 12 anos, quando lê a Torá, revestida do talit, igual ao Bar Mitzvah que o menino faz aos 13 anos” (KOCHMANN, 2005, p. 42). Já Papalia e Olds (2000, p. 310) nos traz outro ritual, onde “no Nepal, a transição de uma menina para a condição de mulher é marcada pela troca da saia curta que vestia enquanto criança pela saia enrolada até os tornozelos vestida pelas mulheres adultas”.

Diante de todos esses rituais de maturidade, na nossa sociedade moderna, a passagem para a fase da idade adulta é bem menos exibida e reconhecida a ponto de fazer rituais, e por esse motivo é apenas entendido como um grande período de transição recebendo o nome de adolescência, onde há mudanças físicas, cognitivas e psicossociais. Do ponto de vista biológico, a adolescência se inicia pela puberdade, um processo que leva a maturidade sexual do indivíduo, neste caso: a fertilidade, ou seja, a capacidade de reprodução. Lourenço e Queiroz (2010, p. 1) pontua que:

A puberdade é caracterizada pelas mudanças biológicas que se manifestam na adolescência, e representam, para o ser humano, o início da capacidade reprodutiva [...]. Constitui-se por um período relativamente curto, de cerca de dois a quatro anos de duração, no qual ocorrem todas as modificações físicas desse momento de transição da infância para a idade adulta.

Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2003, p. 1) nos traz que “a construção da identidade pessoal é considerada a tarefa mais importante da adolescência, o passo crucial da transformação do adolescente em um adulto produtivo e maduro”. Sendo assim, a busca da identidade entra em

foco durante os anos que compreendem a adolescência. O indivíduo precisa de um sentido ao seu próprio eu para que se sinta em equilíbrio para enfrentar as crises da vida adulta que está por vir, já que mesmo na fase adulta, questões relacionadas à identidade podem aparecer de forma reiterada.

Papalia e Olds (2000) nos fornece o conhecimento de que existem os chamados “estados de identidade”, que seriam diferentes processos acerca da formação da identidade, organizações de diferenças sobre seu papel social, desenvolvimentos que estão relacionados com certos aspectos da personalidade. Elas pontuam que os quatro estágios de identidade são: Conquista de identidade, onde leva ao comprometimento; Pré-fechamento, onde ocorre o comprometimento sem crise; Moratória, onde há crise sem ainda haver comprometimento; Difusão de identidade, onde não ocorre nenhum comprometimento, nenhuma crise.

Papalia e Olds (2000, p. 344) também nos traz a organização de “crise como um período de tomada de decisões consciente, e comprometimento como um investimento pessoal numa ocupação ou sistema de crenças (ideologia)”. Ressaltando que elas podem mudar de acordo com o desenvolvimento das pessoas, esses estágios irão auxiliar numa organização interna, autoconstruída e dinâmica de qualidades, crenças e história individual.

Todos esses processos de desenvolvimento de identidade são necessários para o adolescente se tornar independente, já que depois da transformação psicossocial e biológica que o indivíduo tem quando deixa a fase da infância, ele irá passar por mais transformações para a vida adulta, e ainda sim, mesmo com a identidade construída, ainda passará por modificações. Gonçalves (2004, p. 4), nos leva a pensar que:

O desenvolvimento da identidade do Eu se dá em direção a uma crescente autonomia, o que significa que o Eu, conseguindo cada vez mais resolver problemas com sucesso, torna-se progressivamente mais independente em relação às determinações sociais, culturais, parcialmente interiorizadas, e aos seus próprios impulsos.

Partindo desse pressuposto, podemos analisar que a identidade é uma forma de autenticidade do seu próprio eu que acontece de forma progressiva. Quando o adolescente busca essa autenticidade e recebe um retorno de forma positiva ele se sente realizado e também se apropria de valores que irão ajudá-lo a se posicionar de maneira cívica acerca de situações que surgem na sociedade. Embora essa busca da identidade possa gerar conflitos acerca de temas que surgem na fase da adolescência também, tais como: sexualidade, relacionamento com a família, os amigos e a sociedade adulta, questões sobre a autoimagem, entre outros, já que como dito mais acima, os adolescentes é o grupo social que mais recebe influência, sendo assim, conflitos que retardem essa formação podem acontecer a qualquer momento.

A formação dessa identidade em questão de tempo (anos) é bastante relativa, cada indivíduo tem seu tempo de construção desse próprio eu. Com a identidade formada, o adolescente se sente preparado para se impor acerca de questões na sociedade que irão mexer com fatores relacionados a etnia, sexualidade, família, entre outros. Ele vai carregar consigo valores que o farão ter autenticidade suficiente para não se deixar influenciar por situações negativas sobre esses fatores citados acima, ocorrendo neste momento uma realização pessoal e apropriação de sua própria identidade.

SEXUALIDADE E DESCOBERTAS

Para podermos ter propriedade do assunto precisamos entender que existem diferenças acerca das palavras sexo e sexualidade. Santos (2011, p. 8) nos diz que:

(...) podemos definir sexo como o conjunto de características anatômicas e fisiológicas. Já a sexualidade é a própria vida, num processo que vai do nascer ao morrer, evoluindo além do nosso corpo, nossa história, nossos costumes, nossas relações afetivas e nossa cultura.

O primeiro teórico a falar sobre a sexualidade - dentro de uma abordagem infantil - foi o psicanalista Sigmund Freud. Sigmund Freud (2006) chama de desenvolvimento psicosssexual onde o corpo é erotizado, isto é, as excitações sexuais estão localizadas em partes do corpo (zonas erógenas) e há um desenvolvimento progressivo também ligado as modificações das formas de gratificação e de relação com o objeto.

Dentro desse desenvolvimento psicosssexual existem fases: Fase oral (0 a 2 anos), onde a zona de erotização é a boca e o prazer ainda está ligado à ingestão de alimentos e à excitação da mucosa dos lábios e da cavidade bucal; Fase anal (entre 2 a 4 anos aproximadamente), onde mostra que a zona de erotização é o ânus e o modo de relação do objeto é de "ativo" e "passivo", intimamente ligado ao controle anal e uretral; Fase fálica onde a zona de erotização é o órgão sexual; Fase Genital, onde na adolescência é atingida a última fase quando o objeto de erotização ou de desejo não está mais no próprio corpo, mas em um objeto externo ao indivíduo - o outro.

Papalia e Olds (2000) diz que no adolescente a orientação sexual pode influenciar em determinados assuntos e também trazer riscos e consequências acerca de sua atividade sexual na fase da adolescência. É na adolescência que a orientação sexual de uma pessoa geralmente se põe à mostra, esse capítulo da vida que irá dizer o interesse da pessoa; se ela terá interesse sexual, sentimental e afetivo por alguém do sexo oposto, sendo considerado heterossexual, ou por pessoas do mesmo sexo, sendo considerada homossexual.

A atividade sexual na adolescência pode variar de um beijo ocasional ao contato genital, visando apenas o prazer físico como necessidade. Papalia e Olds (2000) aponta que buscar novas

experiências sobre o assunto, investigar sobre curiosidades do amor, ter intimidade com outra pessoa, entre outras coisas, podem fazer com que os adolescentes se tornem sexualmente ativos.

Do início da década de 20 até o final dos anos 70 houve uma evolução nas atitudes e no comportamento sobre esse assunto do comportamento sexual, como por exemplo, dentro deste intervalo de tempo houve uma maior aprovação e tolerância com o sexo antes do casamento, já que em escritos antigos, como na Bíblia, sexo antes do casamento é considerado pecado, assim como adultério, espiritismo, bebedeira, idolatria, assassinato e roubo, recebendo o nome de fornicção. Outra evolução que aconteceu foi sobre a hipocrisia do código que dá aos homens maior liberdade sexual do que as mulheres, onde a mesma foi enfraquecida com mulher ganhando força na sociedade e sendo protagonista de sua própria vida. Segundo Papalia e Olds (2000, p. 348):

Esta onda de liberação sexual pode ter atingido seu máximo e pode agora estar até em refluxo; mas, enquanto isso, os adolescentes de hoje, assim como o restante da população, são sexualmente mais ativos e aceitam mais a atividade sexual. Isto aplica-se principalmente às meninas.

Papalia e Olds (2000) nos mostra uma pesquisa feita em 1965, em uma grande universidade, onde 33% dos homens que estudavam lá e 70% das mulheres que estudavam lá achavam que sexo antes do casamento era visto como um ato imoral, como pontuado mais acima sobre a perspectiva bíblica. Mais tarde, no ano de 1985, apenas 16% dos homens e 17% das mulheres continuaram com essa opinião. Observando todos esses acontecimentos, todas essas evoluções sobre a questão do comportamento sexual nos fazem perceber que desde os anos 70 ideias acerca de assuntos que tem relação com sexualidade estão sendo desconstruídos, isso não necessariamente quer dizer que ainda não existam pessoas com valores formados acerca da ideia de ter relações sexuais antes do casamento, por exemplo.

O começo da atividade sexual pode trazer riscos ao adolescente, tais como: doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. Na questão de DST, existe todo um preconceito construído acerca das pessoas que adquirem a doença. Na questão da gravidez, qualquer descuido pode gerar um perigo, já que na maioria dos casos, adolescentes não possuem uma estabilidade psicológica e financeira a ponto de conseguir sustentar esposa, filhas (os) e a si próprio. Geralmente, nesses casos, os pais tendem a ajudar os filhos até que eles consigam se estabilizar e levar a vida à frente, outros ignoram. Dias et al. (2010, p. 456) introduz que: “a vulnerabilidade à gravidez não planejada, as infecções por doenças sexualmente transmissíveis e a Síndrome da Imunodeficiência Adquirida (DST/AIDS) provêm, muitas vezes da iniciação sexual precoce, sem a utilização de um método preventivo de modo frequente.”

Há algum tempo atrás, a “idade ideal” para começar a ter relações sexuais era os 18 anos de idade, hoje em dia, a maioria dos jovens abaixo dos 17 anos de vida, comentam que já tiveram experiências sexuais – levadas pela curiosidade – e em boa parte das situações, essas experiências sexuais não possuem uma prevenção, podendo levar à aquisição de uma DST ou de uma gravidez. “A melhor garantia para adolescentes sexualmente ativos é o uso regular de preservativos, os quais oferecem certa proteção contra doenças sexualmente transmissíveis (DSTs) bem como contra gravidez” (PAPALIA, OLDS, 2000, p. 350).

Embora ainda haja a falta de conhecimento ou acesso aos preservativos, constrangimento ao procurar os mesmos ou medo de que os pais descubram que o filho está tendo relações sexuais. Uma quantidade considerável dos pais não dá suporte a seus filhos sobre este assunto, não disponibilizam informações suficientes sobre sexo, e por isso, os jovens adquirem essas informações (informações erradas) por meio de amigos, que talvez também não tenham um conhecimento correto.

Atualmente, a mídia é um instrumento poderoso que influencia a sociedade em vários aspectos, no caso abordado, ela influencia nas atitudes e comportamento sexual dos adolescentes de forma negativa, apresentando uma visão distorcida da atividade sexual, exibindo como uma diversão, excitação, ao perigo ou à violência, porém, não mostra os riscos de uma relação sexual desprotegida. A mídia brasileira, por exemplo, se formos parar para analisar, apresenta novelas ou seriados que possuem referências ou piadas que sugestivas de sexo, isso até em horário nobre. Em novelas, principalmente, casais que não são casados são exibidos tendo relações sexuais, e os contraceptivos nunca são mencionados ou apresentados; mas as mulheres raramente ficam grávidas. Hoje em dia, existem novelas que ainda apresentam os riscos acerca de relações sexuais sem prevenção e métodos contraceptivos, essas novelas geralmente, são apresentadas entre 17h e 18h, horário onde a maioria dos adolescentes chegam da escola ou simplesmente se encontram em casa.

A gravidez na adolescência é uma consequência de uma atividade sexual iniciada sem qualquer prevenção e conhecimento de riscos. Na maior parte dos casos, os resultados de uma gestação não planejada na adolescência são ruins, já que grande parte das mães são pobres e com baixo nível de conhecimento sobre o assunto, não se alimentam bem e não recebem uma assistência pré-natal, e quando recebem essa assistência, não é de qualidade. Dias et al. (2010, p. 459) nos faz refletir a respeito dessas consequências, dizendo que:

A gravidez na adolescência pode acarretar problemas de ordem social e biológica, uma vez que a mãe pode desenvolver anemia em decorrência dos maus hábitos alimentares dessa fase. Também pode propiciar a prematuridade e o baixo peso ao nascer do bebê, além de outras complicações.

Sendo assim, não podem ser ignorados qualquer tipo de roda de conversa em grupos familiares ou escolas a respeito das consequências de relações sexuais sem qualquer prevenção. Se faz necessário disseminar o conhecimento desses riscos para jovens e adolescentes da nossa sociedade, se faz necessário todo suporte à uma adolescente grávida solteira, pois é nessa condição que pode acontecer um transtorno emocional oriundo dessa vulnerabilidade que se encontra. E por fim, construir um ambiente social que contribua para a aquisição de conhecimento dos indivíduos de forma que eles realizem medidas preventivas que possibilitem a redução da fragilidade desses adolescentes sobre as DST e gravidez não planejada.

RELACIONAMENTO SOCIAL

Na fase da adolescência são identificados “agitação emocional, conflito na família, alienação da sociedade adulta e hostilidade para com os valores dos adultos” (PAPALIA, OLDS, 2000, p. 354), sendo nomeada como a época de rebeldia. Os adolescentes passam a maior parte do seu tempo livre com colegas e amigos, principalmente na escola, lugar que caminham por boa parte de sua vida, onde se identificam com os mesmos e se sentem à vontade para discutir sobre determinados assuntos, fazendo uma pressuposição errada de que os adultos não os entendem, por serem mais velhos, mas os indivíduos que possuem a mesma faixa etária sim. Anna Freud (2006) comenta sobre o pensamento do adolescente acerca de sua independência, falando que a divergência entre os filhos e os pais era inevitável, já que os adolescentes se veem na necessidade de libertação própria da dependência dos pais, fazendo assim, um comentário sobre o conflito entre essas gerações. Evidentemente que conflitos entre pais e adolescentes irão acontecer, é algo normal dentro de uma família.

Muitas discussões entre os adolescentes e seus pais giram em torno de “quanto” ou “quando”: quanta liberdade os adolescentes deveriam ter para planejar suas próprias atividades ou quando poderão pegar o carro da família. Os conflitos familiares geralmente aumentam durante o início da adolescência, se estabilizam na média da adolescência e depois diminuem ao final da adolescência (PAPALIA, OLDS, 2000, p 356-357).

O adolescente sente a necessidade de mostrar seu amadurecimento e sua independência para a família. Esses conflitos têm mais chances de acontecer com a mãe, já que a mesma esteve mais ligada com o filho desde a gestação até o nascimento e pode ser mais rigorosa para abrir mão dessa independência. Papalia e Olds (2000) nos traz que existe uma confusão de sentimentos nos pais; na mesma medida que os pais sentem o desejo de ter os seus filhos sempre por perto, de manter a família em união, eles por outro lado, querem ver a independência dos seus filhos se tornar realidade.

É importante os pais perceberem que precisam estar em sintonia com os vários processos de formação do adolescente, mas que ao mesmo tempo, reconheçam que vivemos em um mundo que se encontra em constante formação, já que existem casos onde os filhos podem rejeitar a influência familiar e buscar apoio em outros lugares, caso não haja esse reconhecimento, e até se identificar com pais de outros colegas, havendo aí uma alienação parental. A família é a base de tudo, é onde o adolescente se sentirá seguro para construir sua identidade e carregar consigo os seus valores, sendo assim, os pais precisam fazer dessa relação uma relação construtiva e positiva.

Existem situações familiares que podem afetar os adolescentes, tais como: a questão do emprego dos pais, divórcio, criação por pais solteiros, estresse econômico, entre outros diversos fatores. Atualmente, existem mães que trabalham fora de casa, pais solteiros que cuidam seus filhos sozinhos e famílias que podem encontrar dificuldade financeira na criação dos filhos; todos esses fatores podem afetar os adolescentes. Como por exemplo, se a mãe ao invés de ficar em casa com os filhos e ajuda-los em atividades escolares, precise trabalhar para não ocorrer uma fatalidade financeira, e por esse motivo, não ofereça toda a atenção que seus filhos necessitam, embora existam mães que mesmo com essa situação, conseguem fornecer aos seus filhos toda atenção que eles precisam.

Logo após de conhecer seu primeiro grupo de relacionamento social, que é a família, o adolescente irá se encontrar inserido em outro grupo social, o grupo de amigos. O grupo de amigos, para Papalia e Olds (2000, p. 360), é visto como “uma fonte importante de apoio emocional durante a complexa transição da adolescência, bem como fonte de pressão para um comportamento que os pais podem deplorar [...]”. Com base nesse pressuposto, podemos entender que os adolescentes encontram um conforto em estar com outros que estejam passando pelas mesmas mudanças. Os adolescentes desejam ouvir aquilo que eles querem, sendo assim, é normal eles se sentirem tranquilos quando buscam conselhos de amigos que os compreendem, já que esses amigos se encontram na mesma posição.

O grupo de amigos é fonte de afeto, solidariedade e compreensão; um lugar de experimentação; e um ambiente para conquistar autonomia e independência dos pais. É igualmente um ambiente para formar relacionamentos íntimos que servem com “ensaio” para a intimidade adulta. (J. S. COLEMAN, 1980; GECAS e SEFF, 1990; NEWMAN, 1982 como citado em PAPALIA; OLDS, 2000, p. 360).

Embora a maioria dos adolescentes gostem de passar mais tempo com amigos do que com a família, porque aparentemente, para eles, são pessoas que os entendem por estar na mesma situação, existe um grande choque cultural acerca desse assunto. Podemos ter como exemplo: adolescentes brancos e negros. Adolescentes negros tendem a ter um relacionamento mais íntimo com a família do que com amigos e dar mais importância à mesma, já adolescentes brancos não

possuem grade preocupação em relação a isto. A resposta dessa questão é que no mundo de hoje ainda há bastante preconceito racial, fazendo com que o mundo para negros seja um mundo de desigualdade e hostilidade, sendo assim, adolescentes afro-americanos, por exemplo, sentem refúgio ao estar com sua família e não se preocupam muito com aprovação de amizades.

Outro exemplo que podemos abordar sobre o assunto é comparando a cultura asiática com a americana, chineses e japoneses são reconhecidos por sua inteligência e flexibilidade, diferente dos americanos que estão preocupados em se socializar, em ter status; chineses e japoneses utilizam bem mais o seu tempo com estudos e leitura do que passando uma tarde com amigos, como é de costume dos americanos.

Relações sociais como a amizade estão relacionadas com adaptações e competências sociais, é o que nos mostra Papalia e Olds (2000, p. 361), dizendo que os amigos que possuem amigos mais próximos “possuem melhor auto-estima, consideram-se competentes; não tendem a ser hostis, ansiosos ou deprimidos; e saem-se bem na escola. Aqueles cujas amizades têm alto grau de conflito obtêm escores mais baixos nessas medidas”. Amigos influenciam uns aos outros para se tornarem mais parecidos e serem identificados por outros grupos de amigos.

Todo tipo de relação social vai influenciar de algum modo nas escolhas e no caráter do adolescente. A família exerce um forte papel na construção dessas escolhas e valores, junto com as amizades, que fazem um importante papel no desenvolvimento do indivíduo, o preparando para outras relações no mundo adulto, como uma pessoa mais responsável e com toda uma formação de perfil. Na medida que o adolescente já se sente preparado para ter mais relações sociais, sejam elas dentro da família, de um determinado grupo de amigos ou até num grupo de trabalho, ele também vai ser responsável por tomar uma posição de ideias dentro desses mesmos grupos com algum propósito, seja ele positivo ou não, fazendo nos pensar acerca de sua relevância sobre a responsabilidade social que ele carrega consigo.

RELEVÂNCIA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL

O conceito de responsabilidade social é algo recente no Brasil, por isso, é um tema que desperta bastante interesse na mídia, no governo, na sociedade, e principalmente em empresas, podendo ser chamado também de Responsabilidade Sócio-ambiental (RSE) ou Responsabilidade Corporativa de Empresas. Acerca do conceito de responsabilidade social, Oliveira (2005, p. 3) nos diz que “RSE diz respeito à maneira como as empresas agem, como impactam e como se relacionam com o meio ambiente e suas partes legitimamente interessadas (os chamados “stakeholders”)”. Já numa definição mais recente, o Instituto Ethos (2016), que é um instituto especializado em questões relacionadas à responsabilidade social, relata que a responsabilidade

social é uma forma de conduzir os negócios da empresa de tal maneira que a torna parceira e corresponsável pelo desenvolvimento social.

Abordando esses conceitos não de uma forma empresarial, mas sim numa visão cívica, podemos definir que a responsabilidade social do adolescente é toda forma de posição civil que ele toma diante da sociedade, buscando auxiliar no processo de igualdade e qualquer outra postura que ele tome com o objetivo de desenvolver ações de forma positiva sobre o meio em que vive.

Por ser um grupo social que é bastante influenciado, os adolescentes são vistos como público-alvo pela mídia, e também muitas vezes usados pela própria mídia para influenciar outros grupos de adolescentes, fazendo com que haja uma problemática acerca desse assunto. Se o jovem participa de um grupo social que influencia tanto, ele poderia usar dessa oportunidade para despertar o desejo em outros jovens de contribuir para uma sociedade mais construtiva e sem qualquer desigualdade.

Quando o adolescente alcança uma estabilidade em relação a sua identidade, ele encontra-se preparado para se impor sobre determinadas situações que são identificadas na sociedade. Situações essas que podem ser: intolerância religiosa, racismo, homofobia, preconceito com qualquer pessoa residente em periferia entre outros.

A responsabilidade social se faz presente nessas situações onde surge uma questão: como o jovem irá combater o preconceito e intolerância, onde a própria sociedade causa os mesmos? Existe toda uma construção histórica baseada em valores que não se encaixam na sociedade atual, mas que ainda sim, são passados de geração em geração por famílias. Podemos ter o papel da mulher na sociedade atual como um exemplo claro dessa construção. Embora o mundo tenha evoluído em determinados aspectos, hoje em dia, a mulher ainda chega a sofrer com preconceitos acerca de sua função no mercado de trabalho. Isso se deve à uma construção levantada em épocas passadas onde a mulher era vista como “dona do lar”, “boa mãe”, atualmente, isso está sendo desconstruído a cada dia. A cada dia vemos mulheres ocupando cargos que anos atrás eram apenas destinados para homens.

Outro exemplo claro de situações preocupantes em nossa sociedade é a respeito de outros preconceitos em nosso país. Uma pesquisa feita pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (2009), realizada em 501 escolas públicas de todo o país, baseada em entrevistas com mais de 18,5 mil alunos, pais e mães, diretores, professores e funcionários, revelou que 99,3% dessas pessoas demonstram algum tipo de preconceito étnico-racial, socioeconômico, com relação a portadores de necessidades especiais, gênero, geração, orientação sexual ou territorial. De acordo com a pesquisa Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar, realizada pela Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas (Fipe) a pedido do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), 96,5% dos entrevistados têm preconceito com relação a portadores de necessidades especiais, 94,2% têm preconceito étnico-racial, 93,5% de gênero, 91% de geração,

87,5% socioeconômico, 87,3% com relação orientação sexual e 75,95% têm preconceito territorial. São situações preocupantes, já que boa parte das pessoas não possuem intrepidez para se posicionar diante dessas situações e criar maneiras de combater esses preconceitos.

Neste momento, encontra-se a resposta-chave da questão: a desconstrução. A desconstrução é uma desmontagem, desfragmentação de algo. No caso abordado, é desfragmentar todo tipo de ideia sobre valores que ferem a sociedade atual, é desmontar um conceito que não se adequa aos dias de hoje. O adolescente precisa se posicionar diante dessas situações de intolerância e preconceito de forma crítica, desfragmentando ideias que atuam de forma negativa para o desenvolvimento social.

Fica clara a necessidade de ação para a mudança da condição social do país sobre todo tipo de ideias que contribui para um ambiente negativo e desigual. O ideal para essa questão da desconstrução seria promover discussões acerca de assuntos que envolvam o preconceito e a intolerância. Ter o contato direto com a direção escolar onde estuda para solicitar palestras organizadas por psicólogos que discutam sobre a intolerância religiosa, por exemplo, fazendo assim uma conscientização de gerações futuras para erradicar esse tipo de situação, e também para solicitar aulas de sociologia, história e filosofia que discutam sobre a importância do negro na sociedade e apresente todo o seu legado, a fim de promover o fim do racismo.

Desta forma, não podem ser ignorados todo tipo de discussão para melhoria dessas situações em nossa sociedade, nem tampouco ser recusados todo tipo de hipótese que promova uma nova construção de ideais para uma sociedade moderna e sem qualquer intolerância ou preconceito dentro da mesma. Propostas como essas citadas acima podem auxiliar num desenvolvimento psicossocial e cognitivo de forma positiva sobre os indivíduos no nosso meio civil. A responsabilidade social do adolescente nunca foi tão necessária como hoje em dia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tratar de tal realidade social, é imprescindível uma associação realista quanto à posição do adolescente frente ao ambiente social inserido. Pais, familiares e adultos dos próprios adolescentes possuem como dever primordial, o apoio cidadão aos mesmos como forme de presente e futura cidadania.

Pontua-se também, que a representação social do adolescente e sua forma de se auto avaliar, é realizada através de um núcleo comum: despreocupação com o futuro, aparente irresponsabilidade e a autoafirmação a partir da autodescoberta sexual, social e interpessoal com a família e amigos.

Quanto a adolescência, frente a contexto, condição social, escolas e idade, indica-se uma tendência à apropriação de valores morais a partir da realidade em contato, seja econômico, histórico ou social. Assim, ocorre nesse período, análises perceptivas frente a personagens representativos, como um parente, amigo ou até ídolo desconhecido.

Assim, tal representação social é compartilhada pelos indivíduos, num posicionamento pessoal sobre a realidade, sendo possível a imposição do contexto sobre a representação social, mesmo que com nuances individuais, elaborando sua realidade a partir da cultura, ideologia e até os meios de comunicação que criam e veiculam uma imagem sobre o que é ser adolescente e sua participação social, sendo generalizada a partir de sua atuação real na sociedade, sendo possível uma seleção desses aspectos a partir das interações sociais concretas, encontrando formação para o comportamento do indivíduo.

É identificado na adolescência vários fatores que podem contribuir de forma positiva ou negativa na construção de sua identidade social. Essa mesma construção é composta por descobertas acerca de seu papel dentro o contexto social, descobertas essas que irão auxiliar na formação de ideias e valores que farão o adolescente se posicionar diante de situações na nossa sociedade que necessitam de uma reconstrução.

É necessário que o adolescente entenda sua responsabilidade no lugar onde vive desde o começo da fase da adolescência. Para isto, é primordial que haja diálogo desde os pais ou responsáveis até os professores que acompanham eles no ambiente escolar, lugar onde eles passam boa parte de sua vida e compartilham de ideias com outros indivíduos da mesma faixa etária, acerca de seu papel no meio cívico. Com esse entendimento de sua responsabilidade, o adolescente irá atuar no ambiente social visando uma construção de um mundo mais justo e igual, objetivando compartilhar desses ideais com outros adolescentes que possam absorver essa mesma postura e atue também de forma construtiva.

Portanto, somos levados a concluir que o adolescente influencia de uma maneira consideravelmente presente para a sociedade atual, e que pode utilizar disto para uma nova construção de ideias e valores que se adequem ao mundo atual em que vivemos, principalmente para as gerações futuras, representadas hoje por adolescentes, mas que no futuro, entrarão na fase adulta, onde irão adquirir novas responsabilidades sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Becker, D. (1994). *O que é adolescência* (13ª. Ed). São Paulo: Editora Brasiliense.

Brasil. (2014). *Estatuto da criança e do adolescente* (12ª. Ed). Brasília: Câmara dos Deputados.

Brêtas, J. R. S., Moreno, R. S., Eugenio, D. S., Sala, D. C. P., Vieira, T. F., Bruno, P. R. (2008). Os rituais de passagem segundo adolescentes. *Acta paul. enferm.*, São Paulo, v. 21, n. 3, p. 404-411, 2008. Recuperado em 24 de maio, 2017, de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-21002008000300004&lng=en&nrm=iso>.

Clímaco, A. A. S. (1991). *Repensando as concepções de adolescência*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP: 1991

Dias, F. L. A., Silva, K. L., Vieira, N. F. C., Pinheiro, P. N. C., Maia, C. C. (2010). Riscos e vulnerabilidades relacionados à sexualidade na adolescência. *Rev. enferm. UERJ* ; 18(3): 456-461, jul.-set. 2010. Recuperado em 25 de maio, 2017, de: <<http://www.facenf.uerj.br/v18n3/v18n3a21.pdf>>.

Domingues, C. M. A. S., Alvarenga, A. T. (1997). Identidade e sexualidade no discurso adolescente. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 7(2), 32-68. Recuperado em 24 de maio, 2017, de: <<http://www.periodicos.usp.br/jhgd/article/download/38564/41410>>.

Freud, A. (2006). *O ego e os mecanismos de defesa*. Porto Alegre: ARTMED Editora,

Freud, S. (2006). *Um caso de histeria, Três ensaios sobre sexualidade e outros trabalhos*. 1901-1905. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud: Volume VII. Rio de Janeiro: IMAGO Editora.

Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas. (2009). *Pesquisa sobre Preconceito e Discriminação no Ambiente Escolar*. Recuperado em 27 de maio, 2017, de: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diversidade_apresentacao.pdf>.

GONÇALVES, M. A. S. (2004). Identidade do eu, consciência moral e estágios do desenvolvimento: perspectivas para a educação. *Psicol. educ.*, São Paulo, n. 19, p. 73-89, dez. 2004. Recuperado em 23 de maio, 2017, de: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-69752004000200005&lng=pt&nrm=iso>.

INSTITUTO ETHOS. *Sobre o instituto*. Recuperado em 21 de maio, 2017, de: <<http://www3.ethos.org.br/conteudo/sobre-o-instituto>>.

KOCHMANN, S. (2005). O lugar da mulher no judaísmo. *Revista de Estudos da Religião*, n. 2, p. 35-45, 2005. Recuperado em 24 de maio, 2017, de: <http://www.pucsp.br/rever/rv2_2005/p_kochmann.pdf>.

LEVINSK, D. (1995). *Adolescência: reflexões psicanalíticas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

LOURENÇO, B., QUEIROZ, L. B. (2010). Crescimento e desenvolvimento puberal na adolescência. *Revista de Medicina, São Paulo*, v. 89, n. 2, p. 70-75, jun. 2010. ISSN 1679-9836. Recuperado em 24 de maio, 2017, de: <<http://www.revistas.usp.br/revistadc/article/view/46276/49930>>.

OLIVEIRA, J. A. P. de. (2005). Uma avaliação dos balanços sociais das 500 maiores. *RAE Electron.*, São Paulo, v. 4, n. 1, jun. 2005. Recuperado em 27 de maio, 2017, de: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-56482005000100002&lng=pt&nrm=iso>.

SANTOS, L. de A. C. (2011). Sexualidade na adolescência. *Trabalho de Conclusão de Curso*. Especialização em saúde para professores do ensino fundamental e médio. Universidade

Federal do Paraná, 2011. Recuperado em: 24 de maio, 2017, de:
<<http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/3511>>.

PAPALIA, D. E., OLDS, S. W. (2000). *Desenvolvimento Humano* (7ª. Ed.). Porto Alegre: ARTMED Editora.

SANTROCK, J. W. (2014). *Adolescência* (14ª. Ed). Rio Grande do Sul: AMGH Editora LTDA.

SCHOEN-FERREIRA, T. H., AZNAR-FARIAS, M., SILVARES, E. F. de M. (2003). A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. *Estud. psicol.* (Natal), Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, abr. 2003 Recuperado em 22 de maio, 2017, de:
<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2003000100012&lng=en&nrm=iso>.